

AS MULHERES NA TORCIDA JOVEM DO GRÊMIO FOOT-BALL PORTO ALEGRENSECarolina Fernandes da Silva¹Francine Morim Menegotto¹Eduardo Klein Carmona¹Janice Zarpellon Mazo¹**RESUMO**

No Rio Grande do Sul, a participação das mulheres nas torcidas dos dois maiores clubes de futebol do Estado é cada vez maior. Destaca-se a significativa participação das mulheres na Torcida Jovem do Grêmio, fundada em 1977, considerada a mais antiga torcida organizada em atividade do Grêmio Foot-Ball Porto Alegre, situado na capital do estado do Rio Grande do Sul. O objetivo do estudo é compreender como se instituiu a participação das mulheres na Torcida Jovem do Grêmio Foot-Ball Porto Alegre. Os procedimentos metodológicos adotados foram a pesquisa em documentos, em sites, a observação livre e a entrevista semiestruturada. A estrutura hierárquica organizada desta torcida possibilitou que as mulheres participantes assumissem símbolos e ideologias de torcida organizada, compondo um núcleo que está presente até os dias atuais nos jogos do Grêmio Foot-Ball Porto Alegre.

Palavras-chave: Mulheres. Futebol. Torcedores. Clubes.

ABSTRACT

Womens in the young supporters of Grêmio Football Porto-Alegrense

In Rio Grande do Sul state, Brazil, the participation of women supporters the two biggest football clubs is increasing. There is the significant participation of women in the Young Supporters Organized, founded in 1977, considered the oldest fans organized activity of Grêmio Foot-Ball Porto Alegre, located in the state capital of Rio Grande do Sul. The aim is to understand how to set up women's participation in the Young Fans of Grêmio Foot-Ball Porto Alegre. The methodological procedures adopted were searching for documents, on websites, the free observation and semi-structured interview. The hierarchical structure organized this crowd made it possible for the participating women assume symbols and organized supporter ideologies, composing a female nucleus that is present to this day in games of Grêmio Foot-Ball Porto Alegre.

Key words: Womens. Football. Fans. Clubs.

E-mail do autor:

carol_ed.fis@hotmail.com

Endereço para correspondência:

Endereço: Av. Lucas de Oliveira, 1659, apto. 202.

Bairro Petrópolis Porto Alegre, RS.

Telefone: (51) 99697575

1-Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS, Rio Grande do Sul, Brasil.

INTRODUÇÃO

Os estudos realizados sobre a temática das torcidas de futebol abordam em sua maioria as relações dos homens com o esporte. Isto porque a história mostra que este universo caracteriza-se por ser, desde sua origem, um espaço eminentemente destinado aos homens (Franzini, 2005).

Segundo Costa (2007), apesar de estudos mostrarem uma crescente participação das mulheres nos estádios brasileiros, nos dias atuais ainda se considera o futebol como área, predominantemente, masculina.

A presença das mulheres no mundo do futebol vem se intensificando pela sua dedicação cada vez maior para com os clubes que torcem, seja através da busca de informações sobre o time, dos jogos assistidos na televisão ou da frequência no estádio.

Há algum tempo a participação das mulheres na condição de torcedoras vem sendo observada como uma grande mudança no comportamento delas e no comportamento das torcidas em geral, pois anteriormente somente os homens eram vistos nas arquibancadas dos estádios de futebol.

Nos dias de hoje é possível ver um farto número de mulheres, acompanhando seus maridos, filhos, amigas, ou até mesmo deslocando-se sem acompanhantes para assistirem aos jogos.

De acordo com estudos antropológicos (Damo, 2002, 2007), a inventada identidade futebolística brasileira foi se constituindo de forma decisiva e, possivelmente, com uma representação mais relevante para o entendimento do lugar que o futebol alcança na hierarquia das práticas culturais no Brasil.

Assim, as identidades clubísticas sinalizam uma ligação efetiva e afetiva de indivíduos com seus clubes de modo que tal aderência ao futebol transfigura-se num verdadeiro estilo de vida clubístico (Toledo, 1996).

Torcer é manifestar adesão entusiasmada à trajetória esportiva de um clube.

Segundo Morato (2005) torcer é uma construção cultural, e baseia-se principalmente em nossas relações e experiências. As torcidas se formam a partir da manifestação individual dos torcedores e das semelhanças que os tornam um grupo.

Conforme Reis (1998), os torcedores podem ser classificados em dois grupos: torcedores comuns e torcedores organizados. Há grande diferença entre o comportamento dos mesmos; porém, os dois grupos de torcedores compartilham do igual sentimento de amor ao clube.

Os torcedores ditos comuns são aqueles que se manifestam durante o jogo com gestos e xingamentos, bem como nos momentos de grande excitação quando ocorre o gol. Já os torcedores organizados fazem parte das chamadas Torcidas Organizadas, as quais são organizações de torcedores que possuem uma estrutura administrativa, adotam símbolos e marcas, e têm como característica diferenciada o fato de permanecerem em pé durante todo o tempo de jogo, apoiando através de cantos o seu time do coração.

O auge das torcidas organizadas foi a década de 1980, período que curiosamente, assinala o decréscimo da participação das mulheres nos estádios brasileiros, justamente por conta da violência associada as torcidas organizadas (Reis, 1998; Pimenta, 2003; Costa, 2007).

Conforme Archetti (2003), no futebol surgem espaços para a mescla, a aparição de híbridos, a sexualidade e a exaltação de desempenhos físicos permitem a articulação de linguagens e práticas que podem desfiar um domínio oficial e puritano.

Na Torcida Jovem do Grêmio (TJG)¹ instituída em 1977 e considerada a mais antiga torcida organizada do clube em atividade, é possível evidenciar alguns aspectos mencionados por Archetti (2003), no caso a significativa participação das mulheres.

Deste modo, o objetivo do estudo é compreender como se instituiu a participação das mulheres na Torcida Jovem do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense. Para tanto se faz necessário refletir sobre o que é uma torcedora.

Segundo Costa (2007) é importante conceber a torcedora como um papel que pode ser vivido de diferentes modos e portar diferentes significados em contextos diversos, pois, assim, a perigosa procura por atributos de autenticidade se tornaria dispensável.

Na presente pesquisa buscam-se identificar os significados, expressos em

¹ Para o termo Torcida Jovem do Grêmio utilizou-se a abreviatura TJG, que é uma das siglas utilizadas pelos integrantes da torcida.

espaço e tempo específicos, da participação das mulheres.

Conforme Hollanda (2010), este tipo de estudo contribui para a relativização da ideia estereotipada acerca do perfil social das torcidas futebolísticas, marcadas pelo estigma da violência.

Além disso, convém para mostrar diferentes aspectos e múltiplas facetas da complexa identidade social dos torcedores.

MATERIAIS E MÉTODOS

O estudo de caso histórico-documental sobre a Torcida Jovem do Grêmio foi sustentado em fontes impressas, fontes orais e registros de observação livre. A revisão bibliográfica foi realizada em livros, artigos e sites.

Realizou-se uma visita a sede da TJG em busca de fontes impressas, mas não foram localizados documentos referentes ao seu início e os atuais integrantes desconhecem a existência destes registros.

Salienta-se que após mais de 35 anos de existência, a torcida não foi oficializada; portanto não há qualquer documento que prove a existência da TJG.

Constatamos que a torcida está em atividade desde a segunda metade da década de 1970 através de depoimentos orais de integrantes.

As fontes orais (Alberti, 1989) foram constituídas a partir de entrevistas com seis mulheres participantes da TJG. As entrevistas foram realizadas com a utilização de um roteiro norteador, que procurou identificar aspectos relacionados ao objetivo do estudo.

O conteúdo das gravações foi transcrito e enviado para os entrevistados, que assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido autorizando o uso das informações.

Neste estudo também foram consultadas reportagens dos jornais Zero Hora e Correio do Povo, as quais versam sobre as conquistas do time do Grêmio Foot-Ball Porto Alegre e alguns episódios de violência entre torcidas organizadas, contudo não citam o nome da TJG.

A observação livre (Godoy, 1995) da TJG ocorreu nas datas de 27 de fevereiro e 14 de maio de 2011, realizando anotações de campo (Triviños, 1987). A primeira observação ocorreu na semifinal do campeonato gaúcho,

no qual o time do Grêmio Foot-Ball Porto-Alegrense enfrentou o Esporte Clube Cruzeiro de Porto Alegre, no Estádio Olímpico Monumental.

Realizou-se o acompanhamento dos integrantes e o funcionamento da sede da torcida, das 12h até às 19h, buscando compreender como a torcida se organiza em dias de jogos, qual o seu comportamento durante a partida, como ocorre o seu relacionamento com os demais torcedores do clube e, principalmente a observação mais atenta às condutas e posturas assumidas pelas mulheres torcedoras. A segunda observação ocorreu no dia anterior à final do campeonato gaúcho, cuja disputa aconteceria entre o time do Grêmio Foot-Ball Porto-Alegrense e o Sport Club Internacional.

Neste dia, no período da tarde, foram analisadas as formas de atuação dos integrantes na sede da torcida, igualmente como o cumprimento das responsabilidades destinadas à diretoria da TJG.

As consultas em sites permitiram analisar a representação que o grupo social possui perante o meio virtual. Foi consultado o site oficial do Grêmio Foot-Ball Porto Alegre, o site e o blog oficiais da TJG, a página eletrônica do jornal Correio do Povo, além do site Futpédia.

Na sequência apresentamos o resultado da análise documental das informações coletadas, cujos procedimentos basearam-se em Bardin (2000) e Triviños (1989).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A participação das mulheres nas torcidas organizadas

A discussão sobre o papel da mulher e do homem na sociedade continua sendo debatida, uma vez que as crianças são instruídas a agirem de modo característico ao seu sexo.

Igualmente tal orientação ocorre em relação ao futebol. No Brasil, o senso comum estabeleceu que "futebol é coisa para homem", e que a mulher é representada como um sujeito que deve ficar fora deste campo.

Não é surpreendente que os homens geralmente tenham a tendência de se opor às tentativas das mulheres em participar ativamente de esportes, pois eles consideram

o mundo do esporte como uma reserva particular (Dunning e Maguire, 1997). Do mesmo modo os homens veem como uma invasão ao seu universo próprio.

Embora, nos últimos anos, tenha havido um notável crescimento da participação das mulheres no universo futebolístico, manifesto não só na audiência midiática e nos estádios, mas mesmo dentro de campo, como no sucesso da seleção brasileira de futebol feminino, o mundo do futebol no país continua a ser hegemonicamente um território masculino (Gastaldo, 2006).

As mulheres muitas vezes são discriminadas pela falta de conhecimentos da área, e este é considerado o principal motivo visto pelos homens, para justificar a devida ausência das mulheres no mundo da bola.

Estas masculinidades são produzidas nas manifestações das torcidas de futebol, as quais se utilizam de feminilidades como seu contraponto, além de hierarquizarem as próprias masculinidades.

Segundo Bandeira (2008), a presença das mulheres nas torcidas de futebol ainda é reservada para alguns momentos restritos como, por exemplo, a Copa do Mundo. Este evento seria um espaço de menor legitimidade de um comportamento masculino específico, em lugar de um público preponderantemente masculino e seu vocabulário agressivo, prevalece a harmonia e a descontração.

Contudo, a relação das mulheres com o futebol data de muitos anos atrás. Segundo Rodrigues Filho (1964) nas primeiras décadas do século XX as famílias brasileiras se reuniam em torno dos campos para prestigiarem o espetáculo esportivo.

As mulheres assistiam a tudo das arquibancadas. Conforme Franzini (2005), a relação tolerada das mulheres com o futebol funcionava assim como metáfora de sua posição na sociedade brasileira da época, já que neste seu papel não era muito diferente de ficar nos reservados da assistência, vendo os homens construir a nação.

No universo futebolístico as mulheres são consideradas como não participantes deste meio. Sendo assim, esta questão nos remete ao conceito de gênero, que para Weeks (1999) é a condição social pela qual somos identificados como homem ou mulher.

Swain (2001) exemplifica a distinção atribuída a cada sexo e diz que ao feminino o mundo do sentimento, da intuição, da

domesticidade, da inaptidão, do particular; ao masculino a racionalidade, a praticidade, a gerência do universo e do universal.

Para discorrermos sobre a inserção da mulher no âmbito do futebol é preciso recordar de suas lutas pelos direitos. Segundo Paiva (2015), a luta pela emancipação da mulher se destaca em meio aos movimentos sociais que tiveram curso neste século. A história do feminismo no Brasil registra significativas experiências anteriores, destacando-se a mobilização feminina em torno do sufrágio, nas primeiras décadas do século passado (Sarti, 2004).

A partir de 1960, propiciadas pela modernização por que vinha passando o país, a situação da mulher pôs em questão a tradicional hierarquia de gênero. Destaco o movimento feminista brasileiro que se inicia na década de 1970, o qual causou impacto tanto no plano das instituições sociais e políticas, como nos costumes e hábitos cotidianos, ao ampliar definitivamente o espaço de atuação pública da mulher, com repercussões em toda a sociedade brasileira (Sarti, 2004).

Ainda que as mulheres tenham conquistado muitos espaços na sociedade em que vivemos, é preciso reconhecer que persistem ainda alguns preconceitos; seja na dimensão econômica, política ou social. No futebol não seria diferente, as mulheres há muito estão presentes neste âmbito; porém, sua participação sempre foi ofuscada pela soberania masculina.

No domínio das torcidas de futebol podemos afirmar que houve com o passar do tempo, uma crescente incorporação da mulher na esfera torcedora.

Segundo Costa (2007), essa incorporação apresenta obstáculos e um dos mais importantes refere-se à legitimação da mulher como indivíduo que é capaz de nutrir sentimentos por um clube e, que também pode interessar-se pelo jogo de futebol, assim como compreender os aspectos técnicos e táticos do mesmo. Na crônica do jornal Zero Hora (29/05/2011) a escritora Moraes (2011) afirma que entender (e gostar) de futebol é um traço que caracteriza a mulher contemporânea.

Hoje a presença de mulheres nos campos de futebol vem em um crescente considerável. Nas torcidas organizadas há uma grande assiduidade das mulheres. Exemplos são os núcleos formados por mulheres torcedoras, como: Gatas da Fiel

(Paysandu Sport Club); Núcleo de Mulheres Gremistas (Grêmio Foot-Ball Porto-Alegrense); Comando Feminino Império Alviverde (Coritiba Foot Ball Club); Força Feminina Colorada (Sport Club Internacional). Esta participação é também a forma de demarcação de território, valorização social, pois pertencer a esses grupos é mostrar o quanto a mulher merece respeito no futebol. Não fosse assim, estariam elas apenas engajadas nas torcidas já existentes nos grandes clubes.

Histórias da torcida jovem do Grêmio

A Torcida Jovem do Grêmio foi fundada em 23 de outubro de 1977, pela iniciativa de um grupo de amigos dissidentes da já extinta torcida Real Tricolor. Cerca de 15 torcedores se reuniram e criaram uma nova torcida, dentre estas pessoas cabe destacar o nome de Nilson Correia e José Maria de Oliveira como dois grandes participantes da construção e idealização da Torcida Jovem. Nilson foi por muito tempo presidente da torcida, e assim como José, mais conhecido pelo apelido “Zeão”, participou ativamente da agremiação durante muitos anos. A TJG foi criada com o intuito de viajar e prestigiar os jogos do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense.

Mesmo com pouco contingente de torcedores a Torcida Jovem se manteve ativa, e por volta de 1986 já possuíam alguns materiais, como camisetas e casacos. Entre 1994 e 1995 a TJG teve o seu auge, chegando a ter mais de três mil torcedores no estádio. Porém, em 1998, por desentendimentos internos, entre os integrantes e a diretoria da torcida, este número começou a declinar, chegando aos anos 2000 com cerca de 300 componentes. Atualmente, a TJG conta com mais de 100 componentes nas arquibancadas, possuindo uma diretoria estruturada e sede própria.

A torcida possui a ideologia de apenas apoiar o time e buscar estar sempre presente nos jogos do time tricolor. Na entrevista com o vice-presidente da TJG foi possível compreender como ocorre a organização desta torcida. Visto que a grande maioria das torcidas organizadas possuem símbolos que as identifiquem perante os demais torcedores, com a TJG não seria diferente, já que ela possui um símbolo, um slogan e uma mascote.

O símbolo oficial da torcida conta com as letras iniciais de seu nome. Já o slogan

“Tradição, Respeito e Humildade” foi criado em 2009, pelo então presidente da torcida. Entre 1977 e 2008 o slogan que representava a torcida era “Com o Grêmio onde o Grêmio estiver”, cuja frase foi extraída do hino oficial do clube. A TJG, em 1995, sentiu necessidade de ter uma mascote como emblema e, em votação realizada naquele ano, o personagem Tazmania da Looney Tunes foi o escolhido. A mascote, assim como o símbolo e o slogan são frequentemente vistos nas camisetas e bandeiras da torcida.

A TJG, como toda torcida organizada, possui uma organização própria. Há uma diretoria eleita que define a hierarquia de cargos e funções. Os demais cargos não são definidos; porém, a torcida conta com alguns componentes que são designados para realizar determinadas funções, como por exemplo, ser responsável pela informática e divulgação da torcida, ou ainda por cuidar do funcionamento da sede. As eleições na TJG são realizadas a cada dois anos, onde os candidatos apresentam suas chapas e os nomes dos componentes que formarão a futura diretoria. Os demais integrantes da torcida, os denominados sócios, que estão em dia com a mensalidade, votam e então é escolhida a nova gestão da agremiação.

Os sócios são os torcedores que pagam um valor mensal de R\$ 10,00 para a TJG. O pagamento desta quantia permite ao torcedor obter alguns descontos na compra de materiais da torcida e também na compra dos ingressos para os jogos do clube. Para se tornar um sócio o indivíduo deve entregar os seguintes documentos: cópia da carteira de identidade e do CPF, comprovante de residência e duas fotos que possam identificá-lo. Cada integrante ganha uma carteirinha de identificação da torcida.

Os componentes da TJG são classificados por “arrastões”, nomenclatura utilizada para identificar cada bairro ou cidade onde hajam integrantes da torcida. Cada “arrastão” possui um líder que tem contato direto com a diretoria da TJG. Nos dias que antecedem um jogo há a comunicação entre torcida e os líderes para definir o número de torcedores de cada arrastão que estarão presentes.

Com a sigla “As mais lindas do Estado” o 15º Arrastão Feminino representa todas as mulheres participantes da TJG. Este “arrastão” possui uma bandeira própria que é

exposta na maioria dos jogos do clube. Na bandeira está estampada a mascote da torcida em versão feminina, o qual possui laço na cabeça, batom e pulseiras, proporcionando a identificação com as mulheres.

As mulheres da torcida jovem do Grêmio

Em dias de jogos a TJG conta com aproximadamente 100 pessoas nas arquibancadas, destas 10 são mulheres. Ainda que este número não seja tão expressivo, estas torcedoras têm grande importância para a composição da torcida. Para melhor compreender o papel das mulheres na TJG foi realizada entrevista com seis dessas componentes, tendo cada uma delas as seguintes idades e tempo de participação na torcida: entrevistada 1 (19 anos), três anos na torcida; entrevistada 2 (16 anos), um ano e oito meses na torcida; entrevistada três (18 anos), um ano na torcida; entrevistada 4 (19 anos), um ano na torcida; Entrevistada 5 (17 anos), três anos e oito meses; e entrevistada 6 (21 anos), quatro anos na torcida.

Nos depoimentos coletados, podemos compreender algumas perspectivas de mulheres participantes da TJG. A entrevistada 2 conta como se vinculou a torcida: “Há algum tempo já vinha observando a torcida. Comecei a me informar de como funcionava, acabei me interessando e entrei na torcida. E hoje é uma das melhores coisas que eu já fiz”. Nesta fala, podemos observar como a jovem se orgulha de estar na torcida organizada, afirmando ser uma das mais corretas decisões que tomou nos últimos anos. A entrevistada 5 assegura: “Não gostava muito de tumulto, acabei indo para uma torcida mais tranquila”. A frase nos faz pensar que a entrevistada julga as demais torcidas do Grêmio como causadoras de desordens ou algo neste âmbito.

Questionadas sobre a frequência que participam da torcida, todas as entrevistadas responderam que procuram estar presente nos eventos da TJG, mas principalmente nos jogos. Em depoimento oral a entrevistada 4 revela “eu tenho uma filha de cinco meses, agora eu venho aqui uma vez, duas por semana, mas quando eu não tinha minha filha eu vinha todos os dias”. Esta afirmação revela que a maternidade reduziu o tempo de dedicação a torcida devido aos cuidados com sua filha, mas anseia de estar presente na TJG.

As entrevistadas afirmaram ser muito bom o convívio e o dia-a-dia na TJG, relatando relações de amizade, ambiente familiar e o prazer de estar naquele local. Afirmou a Entrevistada 1: “É muito divertido, é um ambiente familiar onde frequentam crianças, jovens, adultos e idosos, todos são bem recebidos”. A Entrevistada 5 revela: “Para mim é maravilhoso, porque eu gosto desse meio, é todo mundo apaixonado pelo Grêmio”. Nas falas das entrevistadas 1 e 5 podemos identificar o prazer que elas têm de estar junto com os demais integrantes da TJG. O ambiente é favorável para os vínculos de amizade, já que todos os que frequentam o espaço estão lá pelo sentimento único de amor ao clube. Por conseguinte, a entrevistada 6 faz a seguinte declaração: “Para mim e para muitos da torcida, a Jovem é a nossa segunda família. O que podemos fazer pela torcida nós sempre fazemos”. Esta torcedora faz menção aos sentimentos que possui pela torcida, comparando-os com os laços de sangue, os laços familiares.

Enquanto algumas citam apenas aspectos positivos da participação na TJG, as entrevistadas 3 e 4 alegam que há brigas e discussões dentro da torcida. Fato que é considerado normal em uma torcida organizada, já que possui determinada hierarquia de funções e necessita de muitas tomadas de decisões. Ainda que ocorram estes momentos, as torcedoras concordam que o ambiente é agradável e tranquilo.

Com relação ao tratamento diferenciado das torcedoras por parte dos demais integrantes da TJG, as respostas foram distintas. As entrevistadas 1 e 2 comentaram não haver diferença no tratamento com elas, e asseguraram que dentro da torcida as mulheres são respeitadas e bem tratadas. Segundo a entrevistada 3, na época em que entrou na TJG enfrentou um pouco de preconceito, mas que agora ele não existe mais.

Quando inquiridas sobre seu relacionamento com os homens da torcida, as entrevistadas 1 e 5 disseram que é ótimo, e que os integrantes incentivam a participação das mulheres na torcida e no estádio. A torcedora 4 diz: “eu acho que tu tem que entrar na torcida realmente para mostrar que a mulher também pode torcer para um time, seja de uma torcida organizada, seja em qualquer lugar”. Esta fala expressa a posição que a

mulher vem buscando não só na sociedade em geral como também em um universo considerado amplamente masculino.

No que diz respeito ao papel das mulheres na torcida organizada, as entrevistadas 2 e 6 são taxativas ao afirmarem que não há uma função única, pois acreditam que todos têm o mesmo papel, o de fazer o que pode para o crescimento da torcida e juntos incentivar o Grêmio. As torcedoras 1 e 4 expõem que a presença delas auxilia em muitos detalhes de organização, os quais os homens não conseguiriam perceber ou até mesmo fazer. Já a entrevistada 3 é muito clara ao dizer que o papel fundamental das mulheres é “destruir as barreiras do preconceito da mulher no futebol”. Estas opiniões são divergentes a partir do ponto em que algumas torcedoras buscam mostrar que não há diferenças entre os sexos, que todos são importantes dentro da TJG. Enquanto outras assinalam que os homens não são capazes de perceber a necessidade ou executar ações dentro da torcida. De forma geral, todas estas torcedoras procuram por meio de suas participações e atitudes se assemelhar aos homens.

CONCLUSÃO

O estudo procurou registrar como se instituiu a participação das mulheres na Torcida Jovem do Grêmio Foot-Ball Porto Alegre, preservando as memórias das torcedoras. Recentemente, os pesquisadores vêm voltando seus esforços na direção das mulheres torcedoras identificando-se que a maioria dos livros produzidos sobre as torcidas de futebol possui como tema a violência segmentada.

Considera-se de fundamental importância compreender quem são as mulheres que adentram no universo das torcidas, ainda tido como dos homens.

Na medida em que buscamos compreender as diferentes formas de torcer, analisando como se dá a presença das mulheres em uma torcida organizada, é possível ampliar o foco sobre o futebol, suas características e contradições, entendendo como as relações de gênero se constituem nesse espaço. Com as informações obtidas através das fontes impressas e orais foi possível conhecer um pouco mais sobre a história da TJG pela perspectiva das mulheres.

As mulheres torcedoras buscam manter suas posições dentro da torcida organizada. Identificou-se que as entrevistadas possuem um grande sentimento pela TJG e pelo Grêmio Foot-Ball Porto-Alegrense, procurando quebrar as barreiras que se instituem entre as mulheres e o universo do futebol.

As torcedoras estão se ocupando de tarefas que antes eram de domínio dos homens.

Além disso, também adotam características antes somente dos homens como, por exemplo, o uso das tatuagens no corpo com os símbolos do clube.

Deste modo, as mulheres integrantes da TJG assumem valores e atitudes que versam sobre seu pertencimento perante este grupo social.

REFERÊNCIAS

- 1-Alberti, V. História Oral: a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas. 1989.
- 2-Archetti, E. Masculinidades: fútbol, tango y polo en la Argentina. Buenos Aires. Antropofagia. 2003.
- 3-Bandeira, G. A. É dia de lotar o estádio: como os torcedores são convocados para uma partida de futebol. Fazendo Gênero 8. Corpo, Violência e Poder. 2008.
- 4-Bardin, L. Análise de Conteúdo. Lisboa. Edições. 2000.
- 5-Costa, L. M. O que é uma torcedora? Notas sobre a representação e auto-representação do público feminino de futebol. Revista Esporte e Sociedade. Vol. 2. Núm. 4. 2007.
- 6-Damo, A. Futebol e identidade social – uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes. Porto Alegre. Editora da Universidade-UFRGS. 2002.
- 7-Damo, A. Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França. São Paulo. HUCITEC. 2007.
- 8-Dunning, E.; Maguire, J. As relações entre os sexos no esporte. Estudos Feministas. Vol. 2. 1997.

Revista Brasileira de Futsal e Futebol

ISSN 1984-4956 *versão eletrônica*

Periódico do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Ensino em Fisiologia do Exercício

www.ibpex.com.br / www.rbff.com.br

9-Franzini, F. Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. *Revista Brasileira de História*. Vol. 25. Núm. 50. 2005.

10-Gastaldo, É. Futebol e sociabilidade: apontamentos sobre as relações jocosas futebolísticas. *Esporte e Sociedade*. Vol. 3. 2006.

11-Godoy, A. S. Pesquisa Qualitativa: Tipos fundamentais. *Revista de Administração de Empresas*. Vol. 35. Núm. 3. 1995.

12-Hollanda, B. B. A voz da torcida: Biografia, História Oral e Memória nos relatos de antigas lideranças torcedoras. *Aurora*. Vol. 9. 2010.

13-Moraes, M. Mulherada Futebol Clube. *Zero Hora*. Porto Alegre. 26. 29/05/2011.

14-Morato, M. A dinâmica da rivalidade entre pontepretanos e bugrinos. In: J. Daolio. (Org.), *Futebol, cultura e sociedade*. Campinas: Autores Associados, 2005.

15-Paiva, C. C. Quem ama não mata... ou mata? Identidades da mulher na mídia: Família, Trabalho e Sexualidade. *As aparições do deus Dionísio na Idade Mídia*, 11. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/cardoso-claudio-identidades-mulher.pdf>. Acesso em: 19/09/2015

16-Pimenta, C. A. M. Torcidas organizadas de futebol: Identidade e identificações, dimensões cotidianas. In: Pablo Alabarces. (Org.). *Futbologías. Fútbol, identidad y violencia en América Latina*. Buenos Aires. CLACSO/ASDI. 2003.

17-Reis, H. H. B. Futebol e sociedade: As manifestações da torcida. Tese de Doutorado em Educação Física, Universidade Estadual de Campinas. 1998.

18-Rodrigues Filho, M. O Negro no Futebol Brasileiro. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 1964.

19-Sarti, C. A. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória. *Estudos Feministas*. Vol. 12. Núm. 2. 2004.

20-Swain, T. N. Feminismo e Representações Sociais: A invenção das mulheres nas revistas “femininas”. *Revista História: Questões & Debates*. Vol. 34. 2001.

21-Toledo, L. H. Torcidas organizadas de futebol. Campinas: Autores Associados/FAPESP. 1996.

22-Triviños, A. N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo. Atlas. 1987.

23-Weeks, J. O corpo e a sexualidade. In: G. L. Louro (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte. Autêntica. 1999.

Recebido para publicação em 19/09/2015
Aceito em 20/02/2016